



Com a palavra

100 razões para escrever.

Escrevo porque as dúvidas assombram-me a alma

E em vão sei que as escrevo.

Escrevo porque as palavras me fazem olhar na direção do avesso de minha existência.

'Porque as folhas em branco se contorcem pelo inesperado suspiro das palavras e se revestem de sua pele ávida de lirismo.' - Um Poeta me contou.

Escrevo porque assim nas linhas entrelaço-me, emaranho-me, perco-me e logo em seguida me acho.

São as palavras que traçam o meu retrato e minha face fica emoldurada nelas.

Quando bebo o néctar amargo das palavras ocultas indecifráveis oblíquas cegas inexatas sóbrias embriagadas leves ou densas,

Minha tristeza fica alegre, Meu instante, infinito e minha dor, lúdica.

Hoje me visitou um poema. Veio ter à porta da minha casa. Quis lubrificar minha garganta seca e beber dos meus olhos marejados. Veio me dar goles de água de pote e mel de engenho. O poema veio me trazer notícias de mim! É através dele que intuo quem sou. Como me ilude esse alimento que rouba de mim?! O poema me cava com britadeiras, me penetra e me iludo que o faz por amor. Me cava como que perfura poços profundos de águas cristalinas. Me turva como quem confunde para não ser explicado, tem pudor demais em mostrar todos seus tesouros. O poema bate em minha porta. Veio trazer notícias de mim. Veio me causar espanto e escândalo no meu dia. Me falou de beleza e dor! Me trouxe notícias do Sertão. Em nossa alma o rio pajeú corre e abençoa. Corre e cai na boca do São Francisco. Que corre e abençoa. Meu poema de morte e de vida Severina! Um dia eu também beijarei teus lábios e em teus braços morro como quem morre num gole d'água. Súbito!

Com quantas canoas se faz uma partida?  
Com quantas idas se faz um reencontro?  
Com quantas ladeiras se faz a descida?  
Com quantas mil vidas se faz a eternidade?  
Com quantos mil contos se faz a felicidade?  
Com quantos centavos se dá uma esmola?  
Com quantos sambas se faz um Cartola?  
Com quantos passos se faz uma dança?  
Com quantas revoltas se faz a mudança?  
Com quantas visões se faz um profeta?  
Com quantos versos se faz um poema?  
Com quantas saudades se faz um poeta?

Eis o pescador cibernético!

No mar entre byts e bytes navega o pescador cibernético - o internauta, astronauta, navegando no ciberespaço, pertence ao mundo sintético lógico, ao mundo sem carne e osso.

Nas redes lança sua rede malha de fibra óptica, na ilusão de pescar do mar pixel lençóis de peixes sedentos, ávidos por leite de água doce e fresca.

O pescador lança sua rede, hiperlinks cerebrais, evoca imagens no breu, em profunda solidão, um cais, porto seguro para pousar sua nau.

Oscilam os ventos, tormentas ressaca das ondas eletromagnéticas. Pescador à deriva. Pouso incerto. Nuvens de memórias. Sonhos de saudades inauditas, memória ram esquecida. Os sonhos do pescador são feitos de espumas de dígitos e lençóis de mil caracteres, hieróglifos, códigos binários.

Pescarias cibernéticas, com anzol fios ópticos. Fios de luz arqueiam sua caravela e o silvo da procela anuncia que no mar há muitos pescadores solitários, velejando na home page website chat, no livro face.

Na procura medrosa, nas buscas tácteis mãos ágeis tocam os dedos velozes, as teclas vadiam soltas num mundo de maremotos.

Na procura de outros peixes pescadores lançam suas  
redes nos oceanos das sedes. E segue o pescador de  
pescaria cibernética, lá estavam os pescadores  
homens que um dia pescou peixes.

solitários lançando nas redes suas redes sem  
rédeas. No último lance, na hora imprevista,  
quando o cansaço desperta muito mais que a  
cobiça, apareceste, afinal, minha tez morena,  
cara de menino moço! És tão lindo lindo que me  
dói de tanta abundância! Que basta tua manha,  
teu jeito de menino travesso e a palavra a  
primeira vista salta-me à vista: paixão! Teus  
olhos cediços cheinhos de ternuras e  
sacanagens ao pé do ouvido, a cada segundo que  
te olho, ganho uma hora de juventude e me  
renovo o frio na barriga à espera de ver-te de  
carne, osso e canibalismos. E tenho por infinito  
consolo a beleza de teus músculos moços e teu  
olhar abstrato, porém, real e de tanta realeza o  
sono fugiu de mim na leveza do teu meio sorriso  
cheio de encantos e astúcias.

Meu jogo, meu jogral de  
poesia ginásial!

Minha conversa mole de miolo mole  
mole...me deixaste assim, menino moço,

sobressaltado de espanto e de tanto  
Eu vim na manhã de ontem te dizer goodbye. Don't cry  
baby. Don't cry! No quintal da tua casa de ciriguelas  
mamão e coentro a sabedoria de afagar a terra,  
conhecer os desejos da terra. Eu tô no teu quintal  
baby. Don't cry. Ainda o pilão e a máquina de moer  
milho. Os teus chás têm sabor de infância e das  
crendices das velhas razadeiras. Benza Deus! -A  
bênção vó! Deus te faça feliz! e logo punha uma xícara  
para o café. Rua da minha meninice. Esquinas de  
minhas memórias. Tem bolo de caco? Tem sim  
senhor! Tem xerém com leite? Tem sim senhor! Tem  
espetáculo essa noite? Tem sim senhor. Me lembro do  
circo armado na rua da minha casa. Nunca teria ido  
num circo não fosse a vaga lembrança de ter ido com  
a moça de minha adolescência. Levantei e estava lá.  
Uma cadeira dessas vendidas de porta em porta. Mas  
agora só resta dizer goodbye. Dont cry baby. Please!  
Sente. Meu coração é tua casa. Veja. Minha querida.  
Bis. Eu peço bis!

Feminilidade amorosa. A voz. A articulação. O útero. Os quadris de quatro. Quadriláteros. A pele e marcas de sol. A carne crua do corpo. A beleza do corpo. Dos mamilos. As maçãs da face que não a deixam esquecer o pecado original. Sua dor. Sua delícia. Sua mulher e o seu homem. Sua descendência. Sua língua e linguagem. Seu suor. Saliva. Menstruação. Sua cara de gozo de saltos altos. Sua ressaca ao redor dos olhos. Todos os olhos. Sua simpatia curiosa e fé tentação e daí pra dentro das pernas. Dentro de você. Dentro de mim. Quero dizer. Dentro da alma. Quem seria eu dentro do corpo dessa mulher de licor? Negra. Índia. Mestiça. Todas as raças convergem no seu corpo. Nu. No seu seio. No seu cu na sua boca. Na sua buceta. Suas obscenidades. Seu torso. Sua filha da outra. A Eva. Se fomos expulsos do paraíso nos compensaram com um pau, um cu e uma boca, lábios grandes e pequenos. O pôr do sol. A gasolina do meu carro. O fogo de flocos de neve. Essa paisagem agreste. Essa cor. Esse despudor. Quero te fuder. Essa linguagem do amor. Eu falo de você. Eu falo de mim. Sóis.



## Santíssima Tríade.

Benedictinos das palavras, no claustro,  
exercem o santo ofício vetusto, casto,  
em que as virgens sedentas, em sentinela, emprestam  
o corpo à inspiração dos astros.

Artesãos na solidão do quarto  
pregam versos às vestes da donzela.  
Enquanto a lua seminua, um quarto,  
abotoa o manto escuro do firmamento.

Do ofício em que juraram sacramento,  
Três poetas reuniram-se em Parnaso  
E com rigor versificam sua métrica.  
Tal três flores que enfeitam um só vaso,  
São Raimundo, Oliveira e Olavo  
A Santíssima Tríade poética.

Vejo uma tempestade trajando espumas de nuvens em formas de ventania, veias brisas, redemoinhos de incertezas.

Vejo velhas sibilas e seus feitiços sibilados na boca da noite. Vejo gargantas pigarros - arranhas - céus como açoites.

Vejo um deserto cavando trincheiras de areias. Vejo no céu em cinza derramar gotas de luz que dos deuses tombam em sombras de luas cheias.

Vejo um horizonte, um poema agasalhado naquelas nuvens. Vejo sutis belezas adormecidas ao relento.

Vejo em cada grão cuspidos pelo vento dunas que se erguem, mares que se abrem. Almas que se banham, vidas que se partem!

Vejo e não sei de mais nada..

Se vejo duas almas penando na estrada à procura de uma árvore, águas frescas que lhes enxuguem as solidões desertos oásis ou que lhes salvem das noites enlazaradas de marés.

Vejo seus caminhos cruzarem no meio de uma cruz.

Vejo nela um epitáfio em dizeres solares:

'Aqui jaz a tua quimera, desperta do sonho e vês que há nela visões soturnas, mensagens noturnas Vindas de Saturno'.

A madrugada é o beijo da noite na boquinha do dia!

Tua ressaca. Teu bafo preguiçoso quando despertas.  
Tua fome. Teu fastio. Tuas ânsias têm as cores da tua calça cor de pavão. Tua púrpura. Teus realces. Teus olhos. Ácido e doce. Se ranhuras é porque sabes a dor e a delícia de te tornar. Tua amizade raivosa. Teu ciclo menstrual. Teus instantes de febre e tua fé confessada. Quantos anos tem ? 2015? Te oferto toda amizade. Te desejo que encontres todo amor que te assalte o fôlego. Que te deixe comovido como um cão sem dono. Que teus encontros com o mundo saibam ser tua mãe e madrasta. Porque te desejo toda alegria e dor. Que as dores passem. No seu tempo. Porque tudo passa. Porque 2014 passou e o tempo passa mais rápido do que o calendário. Te desejo um calendário do sagrado coração de Jesus. De beleza e de dor. De sagrado e humano. Não desejo feliz ano novo. Te desejo o novo. Inédito. Irrepetível. Hoje. Agora. Que os anos passem por ti. Que passes os anos na língua. Te desejo quem te passe a língua. Te desejo línguas. Estranhas. Divinas. Profanas. Para ti. Tu que és transmutação de alguma coisa. Te desejo águas pra lubrificar. Te desejo colírios. E lírios do campo. Te desejo desejos e que saibam ter contigo e tu com eles.

Como num acordo íntimo. Te desejo poesias...Tantas fiz...Tantas.

Eu espero pescar um peixe urbano incivilizado. De olhos doces de água salgada. Um peixe de rabo e calda de sereia. Como rabo de peixes para abrir o apetite. Para me fartar da comilança. Quero peixe de boca aberta sedenta. De desejos à mostra. Um peixe de águas marés. Formando ondas e ondas. Um peixe de olhos de ternura e cabarés. Não gosto de bichos de aquário. Por achá-los tristes e enjaulados. Peixes de civilização. Com suas boas maneiras e com licença e milhões de obrigados. Não como peixes comedidos. Peixe urbano de águas paradas. Prefiro os peixes de águas nunca navegadas. É quando a maré não tá pra peixe que desejo peixe como desejo a vida! Peixes comuns me excessivam. Eu quero peixes iguais aos das histórias de pescador.

O menino de sua mãe.

O menino que adormeceu. O menino adormecido no fundo dos olhos. O menino já de ossos crescidos. O menino grande de ossos doídos não esquece jamais, Mãe!

Ele corre de pés descalços nas calçadas de tua memória. Toma banho de biqueira nos dias de chuva. Repousa nos teus cuidados, nos teus cabelos brancos.

És tanto! Tanto! Tanto!

Esse menino já de ossos crescidos. Menino grande de ossos doídos não esquece jamais! As orações ensinadas, os louvores cantarolados à beira da pia, do fogão, do tanque. Das latas na cabeça, das muitas latas na cabeça.

Quando em mim desponta qualquer dúvida de Deus, dele me lembro através de ti. O amor que foi e continua sendo toda tua religião! Dos amores, porque é abundante como a casa do nosso Pai celestial.

Esse menino tem a idade e a beleza que teus olhos enxergam e continua adorando bolos de caco, tapiocas, arroz de leite com carne assada. Esse menino da fotografia que apertas contra o coração, que olhas com olhar de brisa suave, manso e humilde,

saiu da moldura, mãe! Ficou enorme! Tem suas  
Me deixa ser o poeta da tua casa? Da tua cozinha? Da  
ânsias, suas procuras medrosas, seus próprios  
tua boca e da tua boa vontade? Me deixa ser o poeta  
encontros com o mundo. Mas ainda ouve tua voz  
da tua porta... da tua rua... Teu poeta de cimento e  
Ninando. Ninando os meus sonhos.  
lágrimas. ...teu poeta... Tua companhia..teu sossego  
sossegado e em teu desassossego e agonias. O poeta  
do teu bolso. Da tua calça jeans. Dos teus pijamas. Me  
deixa ser contigo o que há pra ser. Me deixa? Deixa a  
boca da noite cair na boca do dia. Tudo que em mim  
ressaca grita de alegrias. A festa acabou. Maria pariu.  
Jesus bebia vinho. Transformava água em vinho! E eu  
nem preciso de tanto....Tu me bastas pra fazermos  
uma farta ceia. Me excessiva. Tudo é santo e humano.  
As lutas de classes. O preço da gasolina. O pão de  
cada dia. O Chefe do trabalho. Nada disso importa.  
Não agora. Não quando penso que por um triz a vida  
pode ser de múltiplas maneiras. "Tudo vale a pena  
quando a alma não é pequena"-um poeta me contou!  
E eu desejo com a pessoa querida: Bis no café da  
manhã. Na janta. Na cama. Exagero? Me derramo  
diante de toda possibilidade do novo. O frescor da  
novidade me deixa comovido pra cachorro. O lamber  
das línguas. O roçar dos braços e Abraços. Suor.  
Fundir-se total. Sem entrega medrosa e pouco a  
pouco. Tudo que me arrebatam me deixa em ânsias.Me

deixa sem prumo. Rumo. Esqueço a tabuada e os afluentes do rio Amazonas. Esqueço a camisa aberta. Arranco os botões. Sem arrependimento. Não sei se porque sou facilmente arrebatado ou porque és grandemente arrebatador.

Há uma ideia obesa na minha sombra. Ela se arrasta vagorosamente por dentro do meu pensamento. Me cerca



O rio que me corta, corre. faz nascer rios e rios, metros e metros de águas turvas nascentes e fluxos, desmoronam-me. 'todo dia mudei' que rio sou hoje? um rio que turva a superfície só pra parecer mais profundo? que rio me banhará amanhã e esses dias todos? posso banhar-me no mesmo rio sendo a cada vez o mesmo, se a cada vez o rio também é outro? um rio cava em mim não um, nem mil mas incontáveis margens na margem direita é rio na margem esquerda correnteza nado contra a maré?! rios me cortam de todos os lados gosto de ser rio, rios me inundam, me excessivam.

RomA

Todos os caminhos levam a RomA  
RomA cruzou meu caminho e o teu

Fez uma cruz

+

no meio da estrada de Padova

Bendito Bento Benzeu

+

Adeus meu AmoR.

A DEUS.

## O PROBLEMA PLATÔNICO.

Essa mão que tanto cozinhou pra mim, Essa pele  
Essa pele cabocla agreste que junto comigo  
envelheceu Esses braços, esse abraço, esse aperto.  
Essa ausência planura Essa garganta pigarreia Com  
gosto de dor Os olhos marejados Na boca a secura  
desgastada -Olha, o poema acabou! -Acende outro.

Minha fome não é assunto de poesia a poesia é o  
sumo insumo da minha fome que põe no lugar da  
maça sã a e(r)va e no lugar do pecado, minha  
absurdez.

Por que não legalizam a imaginação, essa perseguida por fardas, botas e camburões? Parem de meternalinguagem e metam na língua! Deixem a imaginação em paz! Ei, você da legislação: Saia das saias. Saia das asas que libertam e põem tudo no chão.

Entremeios de realidade mítica, à sombra de águas tranquilas, morreu Narciso, o mirado, de beleza nunca vista.

Na sede de sua imagem, Narciso deseja espelhos.  
Curva-se à beira do lago, fitando-o de modo preciso.  
Ante o espelho a miragem: O espectro de Narciso.  
O mito não morre, não cala, Em ti/mim habita  
Narciso. Refletem nos espelhos d'água, teu rosto, teu  
corpo, tua fala, em ecos que lembram o mito.  
A beleza fugaz que em ti repousa engana teu límpido  
espelho. A beleza tal vinho que provoca embriaguez  
que te arrasta pro rio.  
Também te mata a visão o espelho que enganou  
Narciso. Também te afoga o lago, que um dia matou o  
mito.

## Nu cio da palavra.

É quando sinto desejo de ser palavra verbo - sopro - princípio - fim. É quando sinto que há palavra santa de língua solta correndo sobre meu falatório - Falatório - é o oratório do falo- do verbo origina-dor! É quando sinto desejo de ser palavra. Palavra que me caiba a boca. Palavra que me cale a boca. Que umedeça a boca secura -em(sua)bocadura, e emudeça a boca umedecida em(seus)bocais. É quando sinto desejo de língua viva, molhada, viçosa e escorregadia,desenhando curvas fazendo-se curvas. Abrindo-se letra! Súbito! Palavras sacras palavras profanas dobram-se entre as pernas-palavra. Desnudam o óbvio e o implícito! Perdem-se soltas no assento em que a palavra forma-se em toda sua possibilidade de gerar, dentro do estéril gerador de verbos - Orifícios dos ofícios - Oficina de ser palavra inconcepta sem contra-acepção. É quando desejo afagar a formosura feminil amorfa das palavras principiadas. Decepar cada palavra articulada. Debulhar cada palavra soletrada. Afagada em canibalismos orais! Em canibalismos rítmicos e sussurrados. Palavra que delira, que nos arranca

risos presos, ternos e gravatas. Desejo a palavra  
apenas balbuciada, apenas intuída e ofegante, até  
deixar do bago cair cada letra garapa, num ritual todo

### Madrugada (lin)soneto

humano na presença do deus baco. É quando desejo  
palavra sem contracepção: Palavra grávida de  
entranhas do ventre que me pariste.

Sou do poeta, da amante, também do triste; ... das  
colaterais. E quando sinto desejo de disparar  
meretrizes, sou a mordida das maçãs.

Se tu nasces morro logo em seguida, quando dormes,  
plantar palavra: "Cavando sulcos na pele Cavando  
eu acordo à sombra escura; se tu morres, aí outra vez,  
sulcos". Socando na pele das palavras ávidas de  
eu volto à vida; se tu és doença e insônia eu sou a

lirismo  
cura.

Do operário tu és o ponto expediente, dos vagabundos  
eu sou a voz silenciosa, dos teus recônditos sou a  
dama saliente.

Anoiteço e enfraqueço no teu seio, com teus raios  
cortantes me dissipas. Se tu és o início e o fim,  
eu sou teu  
meio.



Dentro de mim caiu um poema criptografado. Já faz algum tempo que me dei conta. Ele brinca com minha alma e vem 'buli' com meus sonhos. Mas está criptografado. Em vão tento decifrá-lo as cifras e códigos. Apenas sei que é um poema inquieto, peralta, Foge para as cortinas da minha janela, Estica os braços e as mãos e as pernas, vira de cabeça pra baixo, cai rindo de si mesmo. Às vezes chora ao menor dos afagos e rir consigo a menor ternura dita. Dentro de mim caiu um poema insone diz que é problema de fuso horário. Quando dorme encosta a cabeça no meu peito esquerdo esticando bem as pernas, faz um bocejo largo e profundo puxa meu lençol, me deixa à mostra, e adormece de olhos risonhos e boca trincada. Acorda de madrugada, respira ao pé do meu ouvido, sussurra palavras ninando o meu sono e me cobre até a ponta do nariz, de modo que não me sufoque. Dentro de mim caiu um poema sem nome, caiu e de mim fez morada. Sei que a cada dia ele se despede porque sabemos, como num acordo íntimo, que ele vai embora. Então, espero sua hora de dormir para espreitar o seu sono, admirar seu corpo desnudo até que tenha dele a última imagem gravada nas minhas retinas. E digo pra ele em espírito, para não

açodá-lo, que de todos os poemas que já vi, ele foi o  
único, o mais belo, que seu repouso é um anjo de asas  
Meu voo Ícaro,  
abertas às vésperas do voo. Acaricio suas pernas,  
afago sua pele e umedeço sua face com minhas  
Niño Teseu de sabor agreste,  
lágrimas de saudade antecipada. Então, antes que ele  
quem me dera roçar tua pele,  
acorde e vá de dentro de mim; silenciosamente me  
quem me dera roçar tua língua  
despeço.  
tal Caetano a Camões!

Quem me dera explodir em festa,  
num estopim de dois canhões.  
Tanta afronta afronta tanto!  
Minha poética te furta a vista,  
no labirinto labirintite  
um Minotauro cornos de crista  
virá comer da minha carne, profundo rasgo decepa às  
vísceras.

Mas que importa, moço infante, se dentro de ti sou  
um poeta preso, cativo no labirinto que um dia a Ícaro  
aprisionou Creta?  
Menino belo dionisiáco sou nesses versos um mero  
Ícaro,  
que de sonhar voar tão alto, com ceras asas alcei meu  
voo.

Um voo incerto labiríntico.

No sonho de ser poeta, quis parir um andaime para  
De querer tanto, Sonhei contigo.

alcançar arranha-céus e limpar dos edifícios da alma  
o vidro baço da dúvida.

Quis engolir um guindaste e levitar minha alma até  
tê-la nas mãos. Mas despertei vesúvios dilúvios de  
vazios centrifugados. Arrebentei as comportas da  
boca do coração.

Foi como vomitar uma espuma de bile. De teor etílico,  
absinto, sofrível. Um caldo sujo de graxa de uma velha  
máquina, que o tempo de tempo em tempo taxa.

Um poço desconhecido de água parada, acumulando  
poeiras, exalando vapor. Foi como encontrar uma  
hóspede dentro de mim vadio, habitando os espaços  
inóspitos, que outrora estivera vazio.

Da noite pro dia, não sou mais eu que em mim mora,  
parece que fui exilado e de mim jogado fora.

No sonho de ser poeta, na minha soberba, nos meus  
desatinos. Na ânsia de dizer o indizível sólido, belo,  
impassível,

Fiz da poesia aritmética, calculei trovas em sonetos  
alexandrinos, aprisionei forasteiro, fiz do meu lirismo  
um desterro e de mim fiz prisioneiro.

No sonho de ser poeta Joguei uma âncora, um  
comboio de cordas do alto de uma ponte safena, à

beira de uma borda.

Tomei nas mãos aquelas cordas e nelas fiz um corte no meio da minha aorta. E enxertei minha quimera Volúvel Volátil Bela.

No sonho de ser poeta, o tempo em mim agarrou e no meio do meu caminho cravei um cravo de pedra na pétala de uma flor.

No sonho de ser poeta, na minha soberba, nos meus desatinos, pisei numa flor no asfalto em meio a tantos espinhos.

No sonho de ser poeta, tomei alcaloide, andei de bicicleta e fui raptado por Serafins num disco voador movido por uma ponta de agulha postiça.

Fui de Saturno odalisca, fui a ave de rapina. Ave emplumada de carmim, que vagueia em mim arisca no inóspito que há mim.

Minha poesia é isso mesmo. Mais puta do que todas as putas. Quer deitar-se com Neruda, Pessoa, Vinícius, Drummond, Bandeira, Mário Andrade, Quintana, Quental. Poesia de sexo fundido, degredado, sifilítico.

Hoje sou poeta antropófago, devorador de detrito.

Boêmio, assassinado, tuberculoso, suicida, cardíaco.

Hoje eu sou isso mesmo: de todos poetas consorte.

Um grande poeta caduco de mãos dadas com a morte.